

A adaptação do verbo adaptar

Quase sempre, quando falamos sobre adaptação escolar, pensamos logo na criança pequena que está ingressando na escola. Na verdade, trata-se de um processo de integração progressiva a uma nova situação que ora requer um grande investimento por parte da família e/ou equipe, ora apenas um ajuste.

Como vemos, a situação pode se estender a outros universos: um aluno de uma mesma escola que muda de sala ou turno; ou passa do 5º para o 6º ano; ou, ainda, um professor que recebe uma nova turma ou precisa lecionar em uma nova série.

Sensíveis a estas diferentes visões e reações, juntos (alunos, corpo docente, funcionários e família) e com muito afeto, podemos seguir neste caminho, reconhecendo ser precisas distintas abordagens aos mais variados casos e processos de adaptação, a fim de deixar o aluno sentindo-se bem na escola.



Adaptação do 5º para o 6º - Bicho de 7 cabeças?

As crianças e adolescentes podem surpreender pela maneira como encaram o processo de adaptação. Mariana Barros, de 11 anos, por exemplo, ingressou em 2020 no 6º ano – a primeira série do Ensino Fundamental II.

Para ela, este processo de adaptação está sendo “bem tranquilo”. Ela conta que desde o 5º ano começou a se planejar, e isso a ajudou na organização. “A adaptação faz parte da vida, pois temos de passar por etapas e obstáculos para chegar num alvo. É um pouco difícil sim se acostumar com o 6º ano. É um professor para cada matéria, um entra outro sai, exige mais organização. Mas foi ‘de boas’”, comenta.

Ela também relata que alguns amigos falavam para se preparar, “colocando medo”, mas em uma conversa com a mãe ouviu uma preciosa orientação: “Ela disse para ter concentração e foco, segui os conselhos dela e tá dando super certo. É preciso tranquilidade para seguir em frente”. Esta maturidade é de admirar!



Veja outras opiniões:



“Eu gosto de confiar mais nas pessoas que já passaram pela adaptação e nos estimulam. Elas sabem que não é um bicho de sete cabeças e dá para encarar”.

Lino de Abreu, 10 anos, 6º ano



“Não é tão difícil quanto eu pensava. Tem mais atividades do que antes e tem vários professores. Ainda estou com um pouquinho de dúvida com a planilha, mas já estou começando a entender e me adaptar”.

Caio Guilherme, 10 anos, 6º ano

Adaptação sob a visão do professor

“Independentemente de uma mudança de turma ou de escola, para o professor, todo ano letivo que se inicia é uma nova adaptação, pois são novas crianças, e/ou adolescentes, em sala de aula. Cada um com uma personalidade diferente da turma anterior. Nós (professores) temos que nos adaptar a eles, assim como eles a nós”, analisa a professora Cláudia Sena, que este ano mudou do G3 para o 2º ano vespertino, da Casa Escola.

Para Cláudia, neste processo, o equilíbrio emocional é fundamental. “A afetividade ajuda bastante ambas as partes (professor e aluno). A gente chega em sala com aquela ansiedade e nervosismo, mas um sorriso e um abraço quebram barreiras e abrem as portas para este novo relacionamento”, relata. A professora acrescenta ainda que o relacionamento professor-aluno também foi facilitado pela estrutura e organização da Casa Escola. “Eu já conhecia praticamente todos os meus novos alunos da convivência durante a rotina escolar que oportuniza muitos momentos de interação entre as turmas. A equipe, aqui na Casa, se envolve com o todo”. Para a mudança de turma deste ano, a professora conta que se preparou com leituras específicas da grade curricular do 2º ano e com literatura direcionados à faixa etária.

Além disso, a Semana Pedagógica, anterior ao início do ano letivo, auxiliou bastante com o estudo de literatura, com Miriam Dantas e da matemática com Cláudia Kranz. A professora ainda acrescentou que ocorreram outros estudos que contemplaram linguagem, planejamento e até a meditação, algo que ainda não havia surgido anteriormente na escola, mas que promoveu muita reflexão.



Adaptação inicial

Os olhos atentos de Leila Guilhermina quase não desgrudavam do seu filho Gabriel, de 2 anos, no seu primeiro dia em contato com o ambiente escolar. Para ela, ao mesmo tempo em que a adaptação é um momento de expectativa e ansiedade, há também a convicção de que o ingresso na vida escolar é uma oportunidade de novas vivências para o filho. “Estou na expectativa de ver como será a reação dele sendo cuidado por outras pessoas, fora do círculo familiar, uma nova rotina... sei que neste processo terei um novo Gabriel”.

Como forma de facilitar esta adaptação, nos dias anteriores ao início do ano letivo, Leila conta que Gabriel foi envolvido em todo o processo de ingresso na escola. Participou das visitas à instituição, do dia de matrícula e também estava presente na compra do material escolar. “Procuramos fazer uma festa com a ida à escola, para mostrar a ele que é um momento de felicidade”, conta. Mas ciente de que pode levar um tempinho a mais, Leila mostra toda a paciência do mundo para que Gabriel possa entender que estar na escola é muito legal. Com isso, ela conta com a ajuda da equipe, não menos paciente que ela. O resultado disso será um Gabriel adaptado e feliz, uma aposta baseada no sucesso de muitos outros Gabriéis que, muito amados, por aqui estiveram e passaram.

